MANIFESTAÇÕES DE PODER NOS ROMANCES *PREDADORES*, DE PEPETELA E *OS TRANSPARENTES*, DE ONDJAKI

Aparecida Cristina da Silva Ribeiro (UNEMAT)[1]

RESUMO: A literatura contemporânea produzida em Angola apresenta fecundas ligações entre estética, história e política que entrelaçam na tessitura dos textos literários. Nos romances *Predadores* (2008), de Pepetela e *Os Transparentes* (2013), de Ondjaki a crítica ao poder e a violência impositiva do capitalismo financeiro são temáticas que permeiam as narrativas e constituem objeto de análise neste texto. Para fundamentação teórica sobre as relações de poder, recorremos a Bourdieu (1989), e também a outros autores, como Carlos Ervedosa, Rita Chaves (2005) e Venâncio (1992), que fornecem um panorama teórico-crítico e histórico sobre a literatura de Angola e, de modo geral, das literaturas africanas em português.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Angolana; Pepetela; Ondjaki; Política; Poder.

O percurso da chegada das letras em Angola é seguido da história de implantação da imprensa no país. Entre um roteiro que segue da literatura tradicional oral a moderna literatura escrita do presente, há uma longa rota que tem trilhado itinerários diversificados, com relatos de viagens, pesquisas etnográficas, arte, jornalismo e principalmente política. A literatura angolana nasceu no bojo de um projeto consciente, com a participação de grupos de intelectuais que lutaram contra as opressões impostas pelo colonialismo português, "Em uma mão a caneta e na outra a arma", conforme afirma Carlos Ervedosa, em *Roteiro da Literatura Angolana*[2].

A literatura de Angola traz em seu percurso de formação vozes de resistência, sobretudo a partir dos anos 1940, em que o projeto literário encetado por intelectuais caminhou de mãos dadas com o projeto político de construção da nação: "Em 1948, aqueles rapazes, negros, brancos e mestiços, que eram filhos do país e se tornavam homens, iniciavam em Luanda o movimento cultural "Vamos descobrir Angola"" (ERVEDOSA, s/d, p.81-82).

O processo de construção da literatura angolana tem certas diferenças em relação aos outros sistemas literários de países africanos de língua oficial portuguesa, pois só foi

---

[1] Graduada em Letras, Mestre em Literatura e Doutoranda em Estudos Literários pela (UNEMAT), sob a orientação da Professora Drª. Rita de Cássia Natal Chaves (USP). Bolsista Capes. E-mail para contato: acristynas@hotmail.com.

[2] A edição da obra de Carlos Ervedosa que utilizamos neste trabalho não traz a data de publicação, apenas consta ser a quarta edição, que constitui uma importante referência no estudo da História da literatura de Angola. ERVEDOSA, C. **Roteiro da Literatura Angolana**. 4ª Ed. União dos Escritores Angolanos, Luanda, s/d.

possível através do envolvimento coletivo e o agrupamento de uma intelectualidade crioula, empenhada em uma única causa: combater o colonialismo. De acordo com José Carlos Venâncio (1992, p.6), no estudo denominado *Literatura e Poder na África Lusófona*: "[...] É impossível conceber a formação do que geralmente designamos de literatura africana (literatura africana em línguas europeias) desligada do fenómeno do colonialismo". Portanto, é praticamente impossível imaginar a literatura angolana desvencilhada das relações intrínsecas entre arte e política.

> Luanda toma a primazia quanto à produção dos primeiros textos literários com uma intencionalidade política determinada. São os mesmos homens da revista *Mensagem* que encaminharão os seus textos cada vez mais para uma reivindicação política. Dois factores explicam, de certa maneira, este pioneirismo: a agudização da repressão colonial e a necessidade de se enveredar pela luta armada, daí resultante, assim como a existência na sociedade crioula dum potencial público leitor (VENÂNCIO, 1992, p. 24).

As relações entre arte e política, história e literatura marcam muitos textos da ficção angolana, pois são fecundos os resultados da troca de diálogos que advêm de outras áreas do conhecimento. Conforme a estudiosa Rita Chaves, o passado é uma dimensão presente na literatura angolana: "Profundamente marcada pela História, a literatura dos países africanos de língua portuguesa traz a dimensão do passado como uma de suas matrizes de significado" (2005, p.45).

A leitura de textos da ficção angolana exige do leitor a mobilização de múltiplos campos do conhecimento, em particular, na área das ciências humanas, como por exemplo, História, Sociologia e Antropologia. Essa relação interdisciplinar faz com que o leitor tenha a percepção dos caminhos que transitam a literatura e compreenda a complexa articulação que acontece na tessitura do texto literário, um movimento que envolve texto e contexto de uma viagem que se desloca entre o interno e o externo[3], como ensina Antonio Candido.

Elegemos para análise dois romances: *Predadores* (2008), de Pepetela e *Os Transparentes* (2013), de Ondjaki, por considerar que são narrativas importantes no conjunto da literatura dos autores que incorporam na estética literária (texto) aspectos do contexto social e político de Angola, e têm Luanda como centro político e econômico de poder em destaque nas narrativas, pois entendemos que "[...] os fatores

[3] CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, (p.27-49).

sociais atuam concretamente nas artes, em especial na literatura" (CANDIDO, 2010, p.47).

O premiado escritor Pepetela é um dos nomes mais representativos da literatura angolana. Recebedor do Prêmio Camões em 1997 pelo conjunto de suas obras, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido no universo literário pelo pseudônimo Pepetela, é autor de uma vasta produção literária. Participou e acompanhou de perto, ou melhor, de dentro, a construção do projeto utópico de nascimento da nação e a formação de uma identidade literária e cultural, portanto, pertence a geração de escritores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola[4].

Em entrevistas reunidas em *Portanto...Pepetela* (2009), o autor afirma que alguns dos seus livros foram escritos anos antes da independência, embora tenham sido publicados depois dela. É o caso, por exemplo, dos romances *Muana Puó*, *Mayombe* e *As Aventuras de Ngunga*, textos escritos em plena frente de batalha: "Uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influencia minha literatura, sobretudo em termos dos temas que escolho" (MOTA, 2006, In: CHAVES E MACEDO, 2009, p. 37).

O escritor Ondjaki, nome eleito por Ndalu de Almeida para identificá-lo no meio literário, é também um autor premiado e de destaque na ficção angolana contemporânea. O jovem poeta escritor ganhou o mundo com a sua linguagem poética, narrando diversas estórias que acontecem pelas ruas de Luanda; portanto, um escritor da nova geração. Na interlocução entre prosa e poesia, a infância é um lugar privilegiado em sua escrita, e a memória, um infinito poço de onde o escritor retira as águas fantásticas que regam as suas narrativas, como afirma o narrador embriagado de birras/cervejas no romance *Quantas madrugadas tem a noite* (2010): "Gosto de estar preso na infância e sei muito mal desprender-me de lá. Mais das vezes acaricio lembranças, nuvens esbranquiçadas nas chuvas da minha memória [...]" (ONDJAKI, 2010, p. 103).

A crítica ao poder e a violência impositiva do capital financeiro são temáticas que estruturam a linguagem literária nos romances *Predadores* e *Os Transparentes*. Desse modo, nossa pesquisa vincula-se às tendências teóricas e críticas dos estudos literários

[4] Conforme Carlos Ervedosa (s/d, p.81-82), o movimento cultural denominado "Vamos Descobrir Angola" teve início em 1948, liderado por negros, brancos e mestiços, em sua grande maioria poetas, e teve como objetivo redescobrir Angola, voltando-se para o estudo das origens e belezas da terra angolana com a finalidade de repensar e nacionalizar as criações literárias. "O Movimento dos Novos Intelectuais de Angola foi essencialmente um movimento de poetas, virados para o seu povo e utilizando nas suas produções uma simbologia que a própria terra exuberantemente oferece" (p.85).

comparados, que analisa a obra de arte por meio das relações literatura, história, política e sociedade, e entende a literatura como uma vasta categoria complexa da linguagem, condicionada pelas circunstâncias sociais.

Crítica ao poder e representações do *bureau* político luandense

Pepetela e Ondjaki são dois nomes da ficção contemporânea angolana com destaque na produção de uma literatura crítica e esteticamente de qualidade. Nos romances escolhidos para análise, os ficcionistas trazem uma escrita de tom irônico sobre os descaminhos da nação pós-independência. A mudança de tom na escrita dos autores, particularmente nos romances mencionados, demonstra insatisfação que a própria literatura manifesta diante do contexto social e político de Angola, em detrimento da obscuridade do presente. Nesse sentido, recorremos ao pensamento crítico de Antonio Candido quando entendemos que a arte literária dos autores resulta da expressão social e, como tal, demonstra-se interessada nos problemas sociais.

A escrita romanesca em *Predadores* e *Os Transparentes* lança mão de uma linguagem afiada, que tende a alfinetar as estruturas de poder. Em *Predadores*, Pepetela traz um arguto olhar crítico, de viés histórico-sociológico sobre os descaminhos da nação pós-independência, corrompida por usurpadores que não medem esforços, e sem escrúpulos, roubam os recursos estatais com a única finalidade de engordar contas bancárias pessoais, mantidas inclusive no exterior.

Em *Os Transparentes*, Ondjaki também lança um olhar bastante crítico sobre a sociedade do presente, mas com uma dose generosa de humor, paródia e principalmente poesia, revelando ao leitor os contrastes da vida luandense, com ritmos e cores a aplacar as dores de um grupo de angolanos marginalizados, que representam os que são invisíveis diante do poder liderado pela violenta força do capital financeiro.

Os romances *Predadores* e *Os Transparentes* fazem parte de uma literatura crítica, uma escrita que aponta as falhas da geração utopia, que tanto lutou e falhou na construção de uma nação liberta da violência, justa e democrática para o povo angolano. Os romances têm como crítica o poder instaurado no *bureau* político luandense e a violência impositiva do capitalismo financeiro.

Predadores é um romance que conta a história de ascensão da personagem protagonista Vladimiro Caposso. Poder e violência são temas iniciais que introduz o leitor no romance, a narrativa de Pepetela capta o leitor e guia-o em uma viagem que

compreende três décadas da história de Angola. A temporalidade romanesca percorre de 1974 a 2004, seguindo uma sucessão de acontecimentos históricos e políticos que representam trinta anos da história do processo de construção da nação angolana, sucessivamente, de ascensão econômica e social do protagonista. Vladimiro Caposso é uma personagem representativa de uma pequena parcela da sociedade luandense: a elite dominante, com poder político.

> O homem de impecável fato azul, que passaremos a chamar Vladimiro Caposso, rodou cuidadosamente a chave na fechadura do apartamento, de modo a não fazer barulho. Mal abriu a porta, ouviu os gemidos de Maria Madalena, a grande cabra, e os urros de gozo do dito Toninho. Não precisava de mais para confirmar o que José Matias tinha declarado. [...] Capasso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atroador da carreata. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração (PEPETELA, 2008, p. 9).

De comportamento explosivo, o protagonista é um predador nato que não perde a oportunidade de beneficiar-se das influências políticas para obter dinheiro e poder. O romance já inicia com uma brutal cena de violência, pequena mostra do poder exercido por Caposso, que não aceita perder. A morte da amante Maria Madalena demonstra o comportamento frio, calculista e obsessivo de um homem que exerce poder na família, na sociedade empresarial luandense e na política: "[...] Maria Madalena era amante de um conhecido e poderoso empresário, ligado ao partido no poder, portanto acima de qualquer suspeita" (PEPETELA, 2008, p. 12).

O protagonista de *Predadores* não aceita perder em nenhuma instância e para demonstrar a força do comportamento predador elimina qualquer ameaça que possa colocar o seu poderio em jogo. Além de matar a amante, Vladimiro Caposso aproveita da situação do momento, as eleições presidenciais, para incriminar e colocar a culpa do crime no partido rival do MPLA, ocupante do poder político: "Com uma caneta de feltro vermelha, escreveu numa folha de papel em maiúsculas e com a mão esquerda "Ninguém trai a UNITA sem deixar a vida"" (PEPETELA, 2008, p.10).

O MPLA e a UNITA, Movimento Popular de Libertação de Angola e União Nacional para a Independência Total de Angola, foram movimentos de guerrilha que lutaram pela libertação angolana do domínio colonial português, nas décadas 1960 e 1970. Após a libertação e conquista da independência em 1975, enfrentaram-se na

guerra civil pós-independência, e atualmente, constituem partidos políticos. Em *Predadores*, o narrador do romance demonstra um posicionamento militante, de olhar crítico, quando afirma que se o protagonista Vladimiro Caposso atirasse a culpa do crime passional à UNITA, ninguém ia investigar nada.

> Nesses tempos conturbados de mudanças políticas, fim do regime de partido único e suspensão da guerra civil, seguidos de uma campanha eleitoral problemática, tinha resolvido voltar a olear a pistola que possuía há muito e fez algumas sessões de treino ao alvo no terreno que possuía fora de Luanda. [...] Se atirasse as culpas para a UNITA, o partido que afrontara o governo na guerra civil e cuja violência era reconhecida até pelos próprios aderentes mais imparciais, ninguém ia investigar nada. A polícia governamental acusaria a UNITA, esta se defenderia, dizia ser manobra política para desmoralizar antes das eleições, o partido no poder, o MPLA, aproveitava imediatamente para relembrar outros crimes cometidos pelos rivais [...] (PEPETELA, 2008, p. 11).

No romance, as relações de poder se encontram presentes em toda a construção narrativa pepeteliana e também configura a personalidade predadora do protagonista, como também as relações de força e divergências políticas que fazem parte do processo histórico de constituição da nação. As relações de poder se faz presente em vários setores da sociedade. De acordo com Bourdieu, o poder constitui uma força simbólica da qual não é possível ser visualizada, mas que se encontra em toda parte e em parte alguma.

> [...] Se vê o poder por toda parte, [...] uma espécie de "círculo cujo centro está em toda parte e em parte alguma" – é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p.8).

O romance de Pepetela instaura uma profunda crítica aos rumos da nação pós-independência, em específico, o violento processo de roedura e corrupção instaurado por membros da elite dominante que detêm o poder político. É importante ressaltar que *Predadores* não é o único romance do autor que questiona o processo de construção da nação. De acordo com Russell Hamilton (1999, p. 21), "entre as narrativas que

questionam aspectos da atual construção nacional nos PALOP[5], *A Geração da Utopia*, de Pepetela, certamente qualifica-se como uma obra-prima no gênero". Concordamos com a afirmação do referido autor e fazemos menção ao clássico romance por considerá-lo um épico da literatura angolana, por se tratar de uma importante narrativa que faz uma representação da história de Angola compreendendo o período colonial, pós-colonial e, além disso, apontar uma dura crítica ao presente, já indicando a corrupção instalada nos setores políticos de poder e o processo de roedura da nação em tempos de formação.

Os Transparentes (2013) é um romance de fôlego, em comparação com outras obras do autor. A narrativa conta a história de um grupo de moradores que habitam em um edifício precário, sem luz elétrica e água encanada, localizado no centro metropolitano de Luanda: Odonato, Xilisbaba, Amarelinha, AvóKunjikise, MariaComForça, JoãoDevagar, CamaradaMudo, Nelucha, Edú, PauloPausado e Paizinho. Além das personagens que têm moradia fixa no prédio da Maianga, o VendedorDeConchas, o Cego, o Carteiro, entre outros, são personagens que constantemente circulam pelo local. Juntos, relembram os tempos da guerra, se solidarizam em pequenas atividades diárias para garantir a sobrevivência, e fazem planos para o futuro, na cidade dos negócios: "Luanda fervia com a sua gente que vendia, que comprava para vender, que se vendia para ir depois comprar e gente que se vendia sem voltar a conseguir comprar" (ONDJAKI, 2013, p.67).

A narrativa poética de Ondjaki traz para o leitor uma escrita que rompe com as normas do emprego de pontuação, conforme os padrões da língua oficial portuguesa. O romance subverte as normas da escrita e marca um ritmo linguístico proveniente da oralidade. O ritmo desordenado da escrita evidencia também a intencionalidade do autor, que enfatiza na narrativa o cotidiano caótico da cidade capital luandense.

> Olhou a cidade, a azáfama caótica de carros, gente que circulava apressada, vendedores, motas chinesas, grandes jipes, um carteiro, o carro que passou com a sirene ligada e um Cego de mãos dadas a um jovem com um saco às costas (ONDJAKI, 2013, p.22).

Luanda, no romance, segue um ritmo movido pela ebulição de condutores/candongueiros, vendedores autônomos, charlatões e negociantes, que

[5] PALOP – Sigla utilizada pelo autor para referir-se às literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

movimentam constantemente para ganhar a vida na capital do poder. A narrativa segue um ritmo circular, que com o início e o fim faz um prenúncio apocalíptico de destruição que se abate sobre Luanda e a vida dos moradores do edifício da Maianga.

> - ainda me diz qual é a cor desse fogo... o Cego falou em direção à mão do miúdo que lhe segurava o corpo pelo braço, os dois num medo de estarem quietos para não serem engolidos pelas enormes línguas de fogo que saíam do chão a perseguir o céu de Luanda [...] a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-se para a morte e as flechas anunciadoras do seu pensamento não eram flechas secas mas dardos flamejantes que o seu corpo, em urros, acolhia em jeito de destino adivinhado (ONDJAKI, 2013, p.9-11).

Luanda é personificada em *Os Transparentes* de forma que configura a musa inspiradora das estórias de Ondjaki: "Luanda é uma cidade de gente que se fantasia de outra coisa qualquer" (ONDJAKI, 2013, p. 265). Conforme o autor, o aspecto surreal acompanha a vida de Luanda todos os dias, mas o que é surreal na escrita romanesca não é apenas a história de Odonato, personagem que de tão transparente levita e precisa ser amarrado no alto do prédio que mora para não ser levado pelo vento como um balão a flutuar pelo céu da cidade. Surreal, também, é a realidade cotidiana de todas as personagens que se tornam transparentes em uma sociedade desigual. Surreal é também o ritmo da narrativa, que aponta para o fantástico como elemento literário presente no romance.

> A luz vibrava de modo distinto na sua mão
> uma translucidez brincava de reflexo nas suas veias, Xilisbaba via, sem ver, o sangue correr nas veias do marido, a mão bonita, cansada, os calos nos dedos mais usados, e aquela espécie de visão que era um pressentimento incerto, como se entendesse os caminhos do seu sangue e desenhasse, com o olhar, a movimentação óssea dos seus dedos
> - eu sei, Baba: estou a ficar transparente! (ONDJAKI, 2013, p.49).

A carência financeira que se abate sobre a vida de Odonato faz com que a personagem tenha falta de produtos básicos para a sua sobrevivência e também da família. Por não alimentar-se devidamente, a transparência, com o decorrer do tempo, transforma-se em um acontecimento físico, que marca seu corpo com aspecto surreal, grande metáfora no romance que cofigura os sinais visíveis da miserabilidade social. A transparência de Odonato e a invisibilidade que o acomete lentamente é a grande crítica

do autor, que denuncia a desigualdade social humana e os contrastes presente na ‘capital do petróleo’ no país angolano.

Em *Os Transparentes*, o ouro negro extraído do subsolo é motivo de investimentos internacionais e financiamentos de altas pesquisas científicas no país. A exploração do petróleo e de outros recursos naturais são riquezas que infelizmente não são administradas corretamente. Portanto, a crítica do romance aponta a concentração de riquezas nas mãos de poucos e a pobreza/invisibilidade social de muitos, que não têm acesso a condições mínimas de sobrevivência, como por exemplo, luz elétrica e água encanada.

> o som da sirene chegou ao sexto andar
> dentro da viatura, o Ministro disse ao motorista que parasse ali, que fosse dar uma volta demorada, ele telefonaria quando quisesse ser apanhado
> mas o Ministro não queria ser apanhado
> - tens a certeza de que é este prédio? – perguntou antes de sair
> - é este mesmo, não está a ver o buraco ali, camarada Ministro?
> - sim
> - então, é este o prédio da Maianga com o buraco no rés do chão, esse buraco é mesmo antigo, chefe, posso lhe contar a história...
> [...] era um Ministro trajando um fato caro, uma fina gravata de seda e sapatos comprados em Paris (ONDJAKI, 2013, p. 32-33).

A crítica ao poder, em particular, à elite dominante, é evidente tanto no romance de Pepetela, quanto no de Ondjaki, o que demonstra um posicionamento intelectual de ambos os ficcionistas, e manifesta, sobretudo, insatisfação perante os rumos da nação angolana. Além disso, os romances *Predadores* e *Os Transparentes* apontam uma dura crítica ao desgoverno da elite política, que se preocupam acima de tudo em usurpar os recursos naturais do país para engordar contas bancárias que mantêm escondidas em paraísos fiscais, ou roubar o dinheiro público para ostentar acessórios pessoais adquiridos no exterior. De acordo com Bourdieu, o poder demonstra maior visibilidade quando se trata da classe dominante e assenta a sua força no capital econômico.

> A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade de sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação [...] (BOURDIEU, 1989, p.12).

Em *Predadores* e *Os Transparentes* o capital econômico constitui o poder que gravita como força superior e atrativa, que manipula, corrompe, e violentamente destrói o ideário de igualdade social e humana, em uma nação que historicamente sofreu de forma violenta as imposições de poder, desde os tempos da colonização.

No romance de Ondjaki, além do conhecimento de fina maturidade intelectual e o prazer artístico que a sua literatura proporciona ao leitor, uma segunda função[6] da escrita ondjakiana é despertar o riso, através de humor, ironia e paródia. Nos romances de Pepetela e Ondjaki o poder manifesta-se através do dinheiro, elemento de desejo que corrompe os indivíduos que exercem funções públicas, sedentos por acúmulo de capital financeiro. Em ambos os romances, os ficcionistas traçam um panorama crítico da sociedade angolana do presente, elegendo Luanda para mostrar os contrastes urbanos na vida de personagens que enfrentam o cotidiano difícil de quem precisa conviver diariamente com a invisibilidade e falta de acesso às políticas de igualdades sociais, em pleno centro metropolitano da capital do poder.

Considerações finais

A literatura de Pepetela e Ondjaki desafia o leitor a conhecer elementos profundos da história de Angola, cada um a sua maneira, estamos diante de dois autores de gerações distintas. O primeiro, que junto de tantos outros lançou as bases para a formação de uma literatura autônoma e independente. E o segundo, que nasceu em uma Angola liberta, traz para a sua literatura uma escrita em liberdade, sem a experiência da vivência que o primeiro transfere para a ficção.

A escrita de Pepetela é densa, predominando uma linguagem cáustica, marcada pela maturidade de um veterano cansado de guerras, um autor que tem sua base no olhar sociológico que lança à sociedade angolana. Sua literatura se constrói através da confluência entre História e Sociologia, o romancista transita com frequência em outras áreas do conhecimento, revisitando elementos longínquos do passado, em que a intenção é contrastar o passado e o presente. A articulação entre história e literatura é uma construção discursiva que se encontra presente nos romances do escritor. Os discursos críticos feitos por viés da linguagem literária demonstram o seu papel de intelectual desacomodado com os rumos a que tem caminhado a nação angolana.

---

[6] CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. In: Remates e males. Campinas, IEL/Unicamp, 1999 (p.81-90).

Em contraposição à severidade do olhar de Pepetela, Ondjaki traz uma escrita em estado de infância, não no sentido de imaturidade, mas na maneira com que o escritor brinca com a linguagem, fazendo da língua um elemento de teste para experiências lúdicas e poéticas. A Língua portuguesa, nas mãos do poeta escritor, torna-se matéria para as inventices poéticas da sua escrita literária:

> Pouca inventice, transformo só o material para lhe dar forma, utilidade. [...] gosto muito disso – acreditar no impossível das palavras, lhes maltratar no português delas, ser livre na boca das estórias e me deixar tar aqui, sentado dentro de mim, abismático. E sonhar! (ONDJAKI, 2010, p. 103).

Se o romance *Predadores* traz no próprio título uma proposta de leitura já anunciada: contar a história de personagens representativas de um pequeno grupo, a elite dominante, que através do poder destroem violentamente os outros; em *Os Transparentes*, Ondjaki anuncia com o título uma proposta diferente de Pepetela. Ondjaki opta por contar a história daqueles que não têm visibilidade na sociedade. Portanto, os transparentes da história é um grupo de moradores pobres que residem em um prédio no LargoDaMaianga, região metropolitana de Luanda e representam todos os que são marginalizados por não ter acesso às políticas de igualdade e direitos mínimos para sobrevivência.

É partindo dos invisíveis sociais que o romancista critica, em uma linguagem também cáustica, os representantes da elite no poder. A saída entre os habitantes do prédio no LargodaMaianga para encarar com bom humor os problemas da vida é a solidariedade e coletividade, mostrando que a força se faz presente na união daqueles se juntam para lutar contra as agruras causadas por quem deveria gerir a economia nacional de maneira a equalizar os direitos de todos. Na batalha pela sobrevivência diária vale todos os esforços, como por exemplo, os meios ilegais utilizados por algumas personagens do romance para burlar a legalidade existente.

Em ambos os romances a escrita dos autores conflui quanto à crítica que lançam às relações de poder, instaurada nas instâncias administrativas, tanto dos setores públicos, quanto privados, a crítica aos descaminhos da nação angolana pós-independência, a usurpação dos recursos nacionais e a corrupção violenta, que se encontra instalada no espaço social e político da capital luandense, representadas nas narrativas.

Referências

BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In:_____. **O Poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989. p.7-16.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHAVES, R. **Angola e Moçambique**: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES e MACÊDO. (Org.). **Portanto...Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

ERVEDOSA, C. **Roteiro da Literatura Angolana**. 4ª ed. União dos Escritores Angolanos, Luanda, s/d.

HAMILTON, R. G. **A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial**. Revista Via Atlântica. Publicação do Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. N.3. Dez.1999. p.12-20.

MATA, I. **Ficcção e História na Literatura Angolana**: o caso de Pepetela. Lisboa: Colibri - Faculdade de Letras de Lisboa, 1993.

ONDJAKI. **Os Transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Quantas madrugadas tem a noite**. São Paulo: Leya, 2010.

PEPETELA. **Predadores**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

_____ **A Geração da Utopia**. São Paulo: Leya, 2013.

VALENTIM, J. Pepetela e a predatória arte de narrar. In: CHAVES e MACÊDO (Orgs.). **Portanto...Pepetela**. São Paulo: Atliê Editorial, 2009. p.347-355.

VENÂNCIO, J. C. **Literatura e Poder na África Lusófona.** Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.